

MANGUEIRA

AVATAR:

E A SELVA TRANSFORMOU-SE EM OURO

Mulata



Cacau

**O G.R.E.S. ESTAÇÃO
PRIMEIRA DE MANGUEIRA
APRESENTA O SEU ENREDO PARA O
CARNAVAL DE 1979**

**“AVATAR: E A SELVA TRANSFORMOU-SE
EM OURO”**

DE JÚLIO MATTOS
PESQUISA: PEDRO PAULO LOPES
MARIA HELENA ABRAHÃO VIEIRA
MONTAGEM: COMISSÃO DE CARNAVAL

Dedicamos este Carnaval

Ao povo,
Ao povo baiano,
Ao povo das roças de cacau,
Aos índios Pataxós, heróicos sobreviventes do litoral da zona cacauera,
E ao Ano Internacional da Criança

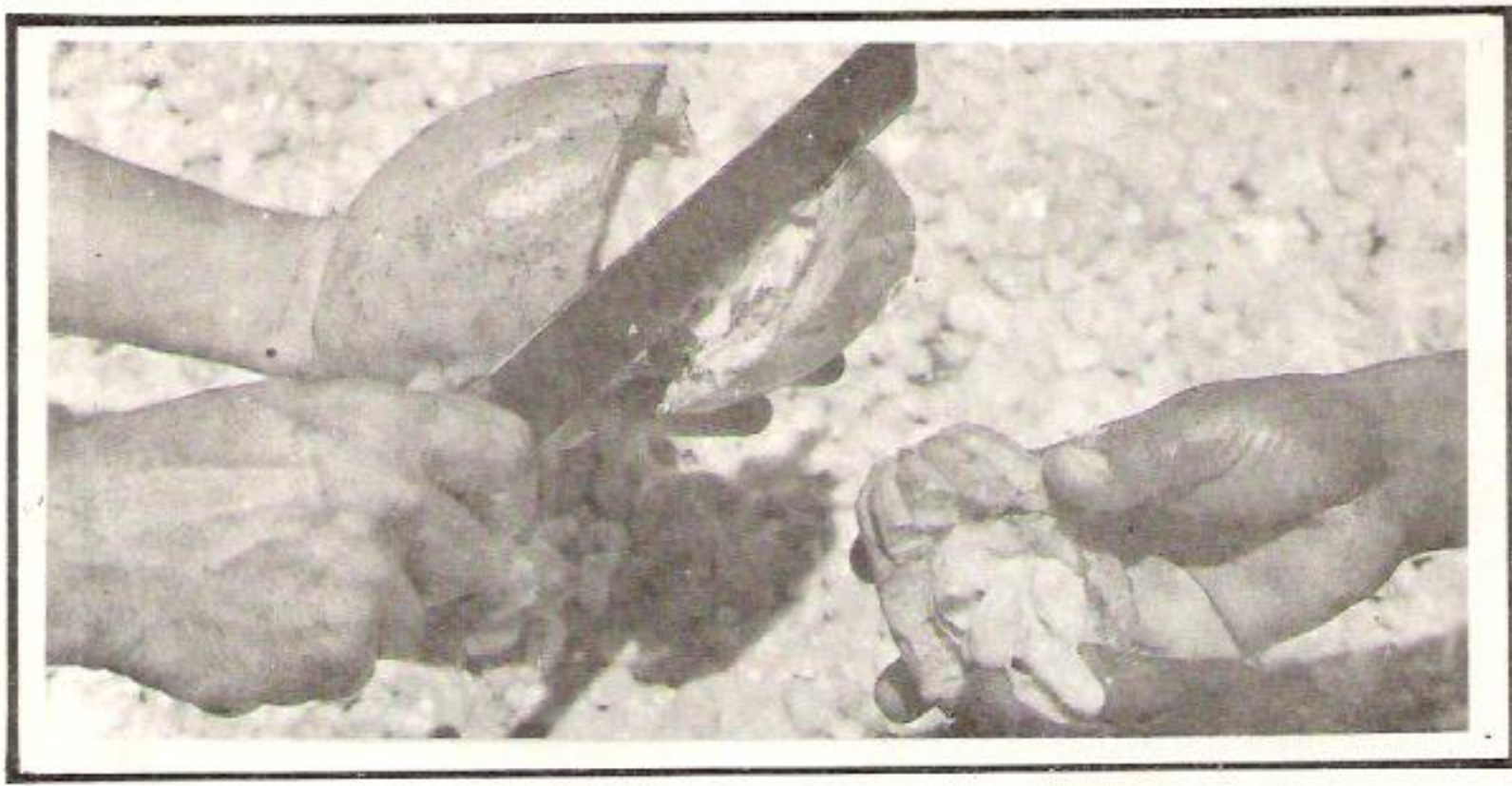
A MANGUEIRA



" Venho desejar à "MANGUEIRA" o maior sucesso no desfile das Escolas de Samba do carnaval de 1979, - o tema escolhido para o enredo da escola é uma garantia de que mais uma vez a grande escola honrará suas tradições. "Avatar - e a Selva transformou-se em ouro" é o título do enredo através o qual a "Mangueira" contará a história do cacau, riqueza de nosso país, e conquista de nosso povo numa luta de todos os dias, enfrentando a natureza, a selva, as injustiças sociais.

O cacau que tanto tem contribuído para economia e a cultura do Brasil, contribuirá agora para o samba, através o talento dos compositores da grande Escola que transformarão em ritmo e em melodia o ouro dos cacauais."

Jorge Amado



Quebra do Cacau

O CACAU NA MANGUEIRA

Adonias Filho

A Mangueira, a nossa Escola, foi buscar o cacau para o Carnaval deste ano. Sei que os seus pesquisadores visitaram o sul da Bahia, e, nas andanças pelas antigas Capitâneas de Ilhéus e Porto Seguro, concluíram que havia brasileira, aventura e beleza na saga do cacau. Ignoro, porém, de quem partiu a idéia. Parece-me certo que, na crista do morro carioca, o sambista devia ter o chocolate na boca quando procurava inspiração para o tema. O chocolate, entretanto, é apenas o término industrial de uma operação agrícola que começa na selva e na primeira metade do século XIX. Os caminhos dessa operação — reanimando o homem e o cenário na movimentação histórica regional — esclarecem porque temos, agora, o cacau na Mangueira.

SEGUE



Coca-Cola

MARCA REG.

aos bons

A justiça manda que se reconheça a preocupação cultural da Mangueira na seleção dos enredos. Uma preocupação que, sendo cultural, é por isso mesmo brasileira. E, se a crônica carnavalesca da Escola atesta essa preocupação, reafirma-a flagrantemente a escolha do cacau para o tema deste ano. É possível que na variação dos produtos agrícolas — e no ano que parece destinado à revalorização da agricultura — nenhum outro supere o cacau como motivação artística. Lembraria, como exemplo imediato, os ficcionistas e os poetas que, à sua sombra, constituem um legítimo agrupamento literário.

Mas, no encontro com o cacau, Mangueira não se decidiu por considerá-lo um dos pólos mais importantes de nossa economia e do nosso comércio de exportação. Decidiu-se, certamente, por um extraordinário universo humano e social que se impunha como base de um autêntico complexo cultural e artístico. A palavra certa, pois — explica o encontro de Mangueira com o cacau —, é precisamente esta: arte. E isso porque, para a Escola, o Carnaval se identifica com a criatividade artística exatamente porque é uma festa popular e livre. E já não se pode discutir que, por tudo o que representa e reprojeta, sobretudo em música e coreografia, a Escola é uma das mais legítimas manifestações de arte coletiva.

Poder-se-á mesmo dizer que o seu samba-enredo, para o atual tempo brasileiro, corresponde ao auto popular dos fins do século XVIII. É de fato, como o auto popular, um espetáculo público trabalhado e realizado pelo próprio povo.

E, a exemplo ainda do auto popular tão democrático em suas raízes — anônimo, coletivo, popular —, reflete uma realidade social que a tipicidade regional configura. Não quer inventar, é certo. Mas, porque toma a realidade para auscultá-la nos valores culturais, transfigura-a artisticamente sem comprometê-la como espaço geográfico, condição social e tempo histórico. Não foi por mais nada, aliás, que o cacau chegou à Escola de Mangueira.

E, porque trouxe o cacau, do sul da Bahia para o Carnaval carioca de 79 — fazendo-o identificar-se com a Escola inteira, em todas as alas, de ponta a ponta —, é que se deve acreditar que Mangueira tenha uma excepcional percepção. E percepção que se prova com o grande desfile através dos quadros, da música e da letra. Os seus compositores e artistas, os bons compositores de Mangueira, converteram em música, canto e imagens o que foi o mundo do cacau como história de sangue e violência ao fundo da selva. E, quando superam as velhas figuras da saga — o desbravador, o caçador, o índio, o plantador de cacau, o coronel —, atualizam a lavoura com os novos agentes como, por exemplo, o barcaceiro e o estufeiro. Não falta, porém, o lado poético que se documenta com a própria floresta do cacau.

E o que se pode afirmar, finalmente, é que o cacau está na Mangueira porque Mangueira é uma Escola tão especial que a si mesma se vê como um veículo de divulgação para as regiões e as coisas mais características do Brasil. E isso, sem que se faça necessário qualquer argumento, é cultura. E cultura bem democrática porque feita pelo povo para o povo.

dá mais vida momentos.





"OS IMORTAIS DO CACAU"

Muitos escritores brasileiros escolheram o cacau como tema central de suas obras, transformando em prosa e verso toda a sua fascinante história.

A maior representação de escritores pertence sem dúvida, ao que poderíamos denominar de "grupo baiano", pois em sua quase totalidade são filhos da Bahia, nascidos e criados na zona cacauzeira, o que lhes possibilitou uma abordagem muito real sobre a vida nas fazendas de cacau.

Destacam-se dentre eles **Jorge Amado** e **Adonias Filho**, baianos de Itabuna e Ilhéus, respectivamente, membros da Academia Brasileira de Letras — Imortais! Suas obras estão traduzidas em muitos idiomas e muitas adaptadas para o cinema, a televisão, o teatro e o rádio.

Na impossibilidade de divulgar nesta publicação textos sobre todos os autores, a Mangueira simboliza através de Jorge Amado e Adonias Filho, os grandes romancistas do cacau, a homenagem a todos os escritores que encontraram no cacau a sua fonte máxima de inspiração.

Aos escritores:

- **CYRO DE MATTOS** — (n. em Itabuna, Bahia, 1939). Advogado e escritor. Publicou **Berro de Fogo** (1966) e **Violentos e Desalmados** (1970), ambos de contos. **Cantiga Primeira** marcará sua estréia na poesia. Está incluído em coletâneas de contos brasileiros e estrangeiros, entre os quais **Moderne Brazilianische Erzähler**, organizada por Carl Heupel e editada na República Federal da Alemanha. Seus trechos ficcionais em **Cacau em Prosa e Verso** foram extraídos de **Berro de Fogo** (Rio de Janeiro, Editora Leitura, 1966).
- **FLORISVALDO MATTOS** — (n. em Uruçuca, Bahia, 1932). Jornalista, escritor e professor. Dirige em Salvador, há muitos anos, a sucursal do **Jornal do Brasil**. Publicou **Reverdor** (1970) e **Fábula Civil** (1975), ambos de poemas, e **A Comunicação Social na Revolução dos Alfaiates**, ensaio (1974).
- **HÉLIO POLVORA** — (n. em Itabuna, Bahia, 1928). Jornalista, escritor e tradutor. Entre suas obras de ficção figuram **Estranhos e Assustados** (1966) e **Noite Vivas** (1972) e, na parte de crítica literária, **A Força da Ficção** (1971), e **Graciliano, Machado, Drummond & Outros** (1972). Traduziu para o português obras de William Faulkner, Graham Greene, Isaac Bashevis Singer, Mary McCarthy, Ernest Hemingway, Robert Penn Warren, Bertrand Russell, Richard Adams, etc. Contos de sua autoria apareceram em inglês, espanhol e alemão.

- **JAMES AMADO** — (n. em Ilhéus, Bahia, 1922). Jornalista, escritor e tradutor. Autor de um romance, **Chamado do Mar** (1949) e de contos e poemas ainda não reunidos em livro. Traduziu para o português obras de William Saroyan, Sherwood Anderson, Eugene O'Neil, Erskine Caldwell e outros. Organizou e editou, em Salvador, onde reside, a poesia completa de Gregório de Matos e Guerra, em sete volumes.
- **JORGE MEDAUAR** — (n. em Uruçuca, Bahia, 1918). Jornalista, publicitário e escritor. Como prosador, seus principais livros, todos de histórias-curtas, são **Água Preta** (1958), **A Procissão e os Porcos** (1960), e **O Incêndio** (1963), além de **Histórias de Menino** (1961). Como poeta, lançou entre outros títulos: **Prelúdios, Noturnos e Temas de Amor** (1954), **À Estrela e aos Bichos** (1956) e **Jogo Chinês** (1962). **A procissão e os Porcos** mereceu o Prêmio Anacleto Alves, comemorativo do cinquentenário de Itabuna. "Penas de Amor".
- **MARCOS SANTARRITA**— (n. em Aracaju, Sergipe, 1941, porém criado em Itajuípe, Bahia). Jornalista, escritor e tradutor. Publicou **A Solidão dos Homens**, novelãs (1969) e o romance **Danação dos Justos** (1977). Tem outro romance prestes a sair, **A Solidão do Cavaleiro no Horizonte**.
- **SOSÍGENES COSTA** — (n. em Belmonte, Bahia, 1901; f. no Rio de Janeiro, 1968). Residiu muitos anos em Ilhéus, onde foi secretário da Associação Comercial e redator do **Diário da Tarde**. A partir de 1959, quando passou a morar no Rio de Janeiro, aceitou reunir seus poemas em livro: **Obra Política**. É considerado um dos mais originais poetas do Modernismo brasileiro e a seu respeito José Paulo Paes escreveu, em data recente, o estudo **Pavão, Parlenda, Paraíso**.
- **TELMO PADILHA** — (n. em Itabuna, Bahia, 1930). Jornalista e escritor. Em sua obra poética destacam-se **Ementário e Onde Tombam os Pássaros** (1974), **Canto Rouco e Vôo Absoluto** (1977) e **Poesia Encontrada** (1978). Obteve em 1975 o Prêmio Nacional de Poesia do Instituto Nacional do Livro e, no ano seguinte, o Prêmio Internacional de Poesia San Rocco, Itália. Está traduzido nos principais idiomas. **Vôo Absoluto** foi motivo de estudo circunstanciado no Departamento de Língua e Lingüística da Universidade de Essex, Inglaterra.
- **VALDELICE PINHEIRO** — (n. em Itabuna, Bahia, 1929). Professora de Estética e Ontologia da Universidade de Santa Cruz, na divisa de Itabuna e Ilhéus. Dirigiu a Faculdade de Filosofia de Itabuna. Seus livros: **De Dentro de Mim** (1961) e **Pacto** (1977).

Aos imortais Jorge Amado e Adonias Filho, aos poetas e escritores, os agradecimentos sinceros da Mangueira pela colaboração, pelo apoio e pelo incentivo constantes que deram ao nosso trabalho.

O orgulho e o entusiasmo com que receberam o enredo da Mangueira "Avatar: e a selva transformou-se em ouro" já constitui para nós uma grande vitória.

Aos Mestres,

a Estação Primeira de Mangueira

Roda

E o cacau foi chamado o alimento do céu,
a baba de moça comida na lua
E o cacau ficou na coroa da lua
E os meninos fizeram a roda na rua
pedindo à lua manjar do céu:

Carinha de Anjo
moça do céu
bença, dindinha
me dê chá do céu,
me dê chocolate
me dê bombom,
baba da lua
com manê

Chá de santinho
me dê me dê
café de anjo
me dê me dê

Didinha lua
Carinha de anjo
Me dê chá da lua
mais uma broa
pra meu pintinho
que saiu do ovo
que a pinta pôs
vestido de pelo
como um morcego,
feito uma ponça
de pó de arroz

Me dê chocolate
me dê bombom
a teobroma
de seu Linneu

A lua batiza
menino que nasce
depois que o cavalo
andou na lua
botando aquilo que faz bombom

E o retrato do cavalo ficou na lua
e ainda se vê o bichão na lua
que está redonda como um botão
Não é S. Jorge, que está na lua
Quem está na lua é aquele bichão



Sosígenes Costa
(poeta baiano)

G.R.E.S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DA MANGUEIRA

SAMBA ENREDO

RATO DO TAMBORIM, TOLITO E ANANIAS

VEM DO CÉU
TODO ESPLENDOR
A TRANSFORMAÇÃO EM OURO
DA SELVA QUE DEUS CRIOU
ONDE A MATA VIRGEM
CACAUUEIRA
QUE A MÃE NATUREZA DESPONTOU
NESTE SOLO RICO E FECUNDO
ONDE O PLANTIO SE ALASTROU

BIS (TEM MULATA PESSOAL
(NA COLHEITA DO CACAU

II

AMAZÔNIA. . .
AMAZÔNIA FOI A REGIÃO
ONDE SURTIU
INCENTIVANDO A INDÚSTRIA
CACAUUEIRA
COMO FONTE DE RIQUEZA DO BRASIL

E NA BAHIA
E NA BAHIA ONDE O BRAÇO FORTE
NA LAVOURA PROSSEGUIU
MOTIVADO PELOS BRAVOS CAMPONESES
NO TRABALHO PODEROSO
DO BRASIL

TEM MULATA PESSOAL)
NA COLHEITA DO CACAU) BIS



"ENREDO PARA O CARNAVAL DE 1979"

INTRODUÇÃO

TEM MULATA PESSOAL

Sim, tem mulata e para o CARNAVAL de 1979, o GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA, homenageia através de suas mulatas o **CACAU**, com o enredo "AVATAR – E A SELVA TRANSFORMOU-SE EM OURO".

Como é nossa tradição a divulgação da HISTÓRIA DO BRASIL através do SAMBA, achamos que o produto que nos deu tantas divisas e que é utilizado entre nós sob diversas formas poderia ser apresentado desta vez, vestido de alegria, isto é, fantasiado, mas de VERDE E ROSA.

Só podemos acreditar que "VENHA DO CÉU TODO, ESPLENDOR", que aparece na zona cacauera por ocasião da colheita do fruto do CACAU, quando a SELVA QUE DEUS CRIOU se

veste de dourado, indicando que é hora da colheita. É por isso que cantamos:

TEM MULATA PESSOAL NA COLHEITA DO CACAU

A fascinante origem histórica do Cacau, a Amazônia, a importância do Cacau para a economia do Brasil, as transformações sociais e psicológicas provocadas pela "febre do cacau", a vida sofrida do trabalhador da zona cacauera, o canto misto de alegria e tristeza do colono, a Bahia, a literatura de Jorge Amado, formaram dentre tantos outros aspectos sobre o cacau o suporte da justificativa do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira pela opção do tema-enredo.

"AVATAR — É A SELVA TRANSFORMOU-SE EM OURO"

"DADOS HISTÓRICOS"

O cacau já existia no Brasil em estado nativo, na Amazônia. Constitui ao lado do urucum, da castanha do Pará, da borracha, do gergelim e outros as chamadas "drogas do sertão" ou drogas da Amazônia que no século XVIII atraem missionários e aventureiros àquela região e no mesmo século foi iniciado o seu cultivo no Pará, sendo transferido posteriormente para a Bahia. Devido à grande corrida que houve em relação à borracha na Amazônia, o plantio do cacau foi levado ao abandono naquela região.

Quando os portugueses conquistaram a região Amazônica já encontraram o cacau e de suas amêndoas era preparada uma geléia que muito contribuía para a alimentação de diversas tribos.

Foi Fernão Cortez quando invadiu o México a mando da Coroa Espanhola quem noticiou a Europa a existência do cacau.

O cacau já era objeto de cultivo entre Astecas, Incas e outros povos, muito antes da chegada de Colombo na América. Quando os espanhóis aportaram no México e no Peru já encontraram o chocolate preparado basicamente com sementes de cacau torradas.

Os Astecas que habitavam o México davam grande importância ao cacau; seu fruto era usado como alimento e como base para o preparo de uma infusão muito semelhante ao chocolate atual. O cacau se expandiu por toda a Europa e na França, por exemplo, tomar chocolate tornou-se um hábito de nobreza.

Em 1746, um colono francês, LUIS FREDERICO WARNEAUX, levou do Pará para a Bahia (Fazenda Cubículo, à margem direita do Rio Pardo, hoje Canavieiras), três sementes de cacau; há indicações também que teriam sido as primeiras mudas de cacau que WARNEAUX teria dado a ANTONIO DIAS RIBEIRO para plantar. Dali a cultura estendeu-se às regiões vizinhas, mas só a partir do século XIX a produção se expandiu definitivamente.

A zona cacauera da Bahia é muito extensa compreendendo aproximadamente quarenta e quatro municípios, sendo que Ilhéus, Itabuna, Canavieiras, Itubaré e Camamu aparecem como os mais representativos na produção de cacau. O Brasil já foi o principal produtor durante muitos anos, ocupando atualmente o 2º lugar na produção mundial.

O cacau encontrou portanto na Bahia, magnífica zona de produção, que depois ultrapassou a do Pará, onde entretanto chegou o cacau a circular como **moeda**.

O termo "AVATAR" apresenta vários significados e do Novo Dicionário Aurélio destacamos:

"AVATAR" — descida do céu à terra; reencarnação de um Deus e especificamente no Hinduísmo reencarnação do Deus Vixnu.

Transformação

Transfiguração

Metamorfose

Exemplo:

"Aqui era a laranjeira — cravo junto da qual o vira como em um AVATAR, como em uma transfiguração, risonho, franco, comunicativo". (Julio Ribeiro — A Carne).

É justamente sob o aspecto de transfiguração, de transformação, de metamorfose que o termo AVATAR, é empregado no título do enredo. É a transformação da selva; a mãe-natureza, anteriormente predominada pelo verde intenso das matas vê-se de repente modificada, transfigurada; é o colorido dourado trazido pelos frutos do cacau.

A selva transforma-se em ouro porque surgem as grandes plantações de cacau e com elas o verde intenso cede seu lugar ao tom dourado dos frutos dos cacauzeiros.

É a metamorfose surpreendente do verde em ouro que o homem provoca na natureza.

É também a transformação da selva em ouro sob o aspecto do aparecimento da grande fonte de riqueza — O CACAU — surgindo como um dos fatores decisivos da economia do Brasil, como fator de enriquecimento, uma segura fonte de divisas, o Brasil assumindo no mercado mundial uma posição de destaque.

O cacau é o fruto de uma árvore designada CACAUEIRO. O nome específico do cacau é "THEOBROMA CACAO" e significa "ALIMENTO DOS DEUSES"; possui grande poder nutritivo e energético. É a matéria-prima para fabricação de chocolate.

O cacauzeiro é uma árvore de altura mediana com galhos compridos que formam uma copa frondosa que necessita de muita água e fornece duas safras anuais de um à dois quilos de sementes.

O cacauzeiro frutifica durante 40 ou 50 anos.

O FRUTO

As flores pequenas e avermelhadas nascem unidas ao caule e os ramos maiores. Delas se origina o fruto, as bagas do cacau, amareladas, esverdeadas ou rosadas. Cada fruto contém cerca de 50 sementes.

HÍBRIDOS:

Híbridos são o resultado do cruzamento entre espécies, variedades e raças diferentes. O burro (mula) é um híbrido nascido da união do cavalo

com o jumento. O desenvolvimento da genética produz híbridos de bicho-da-seda, beterraba, galinhas, porcos, girassol, repolho, pepino, abóbora, melancia e milho, entre muitos. Para a produção de híbridos de cacau, são realizados cruzamentos de árvores matrizes consideradas de qualidade superior. Os efeitos benéficos da hibridação são conhecidos pelo nome de "heterose" (vigor híbrido). O estudo dos híbridos é feito pela Genética, um ramo da Biologia que estuda a origem e a transmissão das características dos seres vivos. Na agricultura, o emprego de híbridos cresce dia-a-dia. A produção de sementes híbridas é básica para o cacau.

AS SEMENTES

Estão mergulhadas na polpa; são de forma oval, de cor escura, semelhantes a amêndoas descascadas; medem aproximadamente 2cm. de comprimento e são conhecidas como cacau comercial, é que surgem a fabricação do chocolate.

Da polpa fazem-se geléias, vinho, álcool e vinagre. Das sementes torradas faz-se o chocolate e extrai-se uma gordura, a manteiga de cacau.

Toda a região cacauera adquire um odor adocicado e enjoativo, que se exala do cacau maduro; é chegada a hora da colheita.

Os frutos são cortados transversalmente. As sementes, separadas e umedecidas vão para tanques especiais, para a fermentação cerca de 15 dias depois, são limpas e postas a secar ao sol ou em secadores especiais, em seguida, são enviados para os pontos de embarque.

Recebido o cacau, as fábricas de chocolate tostam as sementes e de acordo com os processos utilizados surgem o chocolate em pó ou em barra.

Basicamente, o principal produto derivado do cacau é o chocolate, de sabor delicioso e de alto valor nutritivo. É apreciado por todos, principalmente pelas crianças através de bombons, balas, bolos, doces, tortas, sorvetes e mesmo do próprio chocolate em pó, misturado ao leite e açúcar, são sempre a alegria da garotada.

"A FEBRE DO CACAU"

"Cinco anos demoravam os cacaueros a dar os primeiros frutos. Mas aqueles que foram plantados sobre a terra do Sequeiro Grande enfloravam no fim do terceiro ano e produziam no quarto, mesmo os agrônomos que haviam estudado nas faculdades, mesmo os mais velhos fazendeiros que

entendiam de cacau como ninguém, se espantavam com o tamanho dos cocos de cacau produzidos tão precocemente por aquelas roças.

Nasciam frutos enormes, as árvores carregadas desde os troncos até os mais altos galhos, cocos de tamanho nunca visto antes, a melhor terra do mundo para o plantio do cacau."

JORGE AMADO, cronista por excelência das coisas e gente da Bahia, escreveu três romances ambientados nas regiões cacaueras do litoral baiano. Suas obras estão traduzidas em inúmeros idiomas sendo considerado portanto, o escritor brasileiro que mais divulgou o cacau do Brasil, com suas estórias, seus personagens tão típicos da nossa Bahia.

Nesses livros — "CACAU", "TERRAS DO SEM FIM" (onde o texto acima foi extraído) e "SÃO JORGE DOS ILHÉUS" — abordam a febre do cacau. O fenômeno ocorreu na década de 1920, quando os altos preços pagos pelo mercado internacional incrementaram a produção dos municípios baianos de Ilhéus, Itabuna, Canavieiras, Itubaré, Camamu e outros. Jorge Amado mostra a extinção das pequenas lavouras de mandioca e milho em proveito dos grandes fazendeiros de cacau e as conseqüências sociais e econômicas deste processo. O Brasil tornou-se um dos maiores produtores mundiais, mas o plantio indiscriminado acarretou a crise do mercado e a queda de preços.

As roças de cacau na Bahia passaram portanto a constituir para os homens da terra e também dos outros Estados como um Eldorado, a Terra de Canaã.

TERRA DE CANAÃ — A TERRA PROMETIDA

Os homens portanto, começaram a abandonar seus roçados e até mesmo suas casas e famílias para trabalharem nas fazendas de cacau. Seu objetivo maior era ganhar dinheiro, a fim de solucionarem seus problemas de sobrevivência. E a riqueza realmente estava naquelas terras; o dourado dos cacaos em abundância confundia-se com o ouro do dinheiro que começou a surgir naquelas terras, conseqüências da produção em alta escala do cacau. Mas, quantas e quantas vezes esses pobres homens, movidos por aquelas perspectivas foram surpreendidos com a realidade cruel que encontravam nas roças de cacau. Eram fantasias, ilusões que se destruíam a todo momento.

Cacau

Valdelice Pinheiro

Há uma árvore
que implantou
meus sonhos

Há uma árvore
que conheceu
meus braços
e fecundou
minhas asas

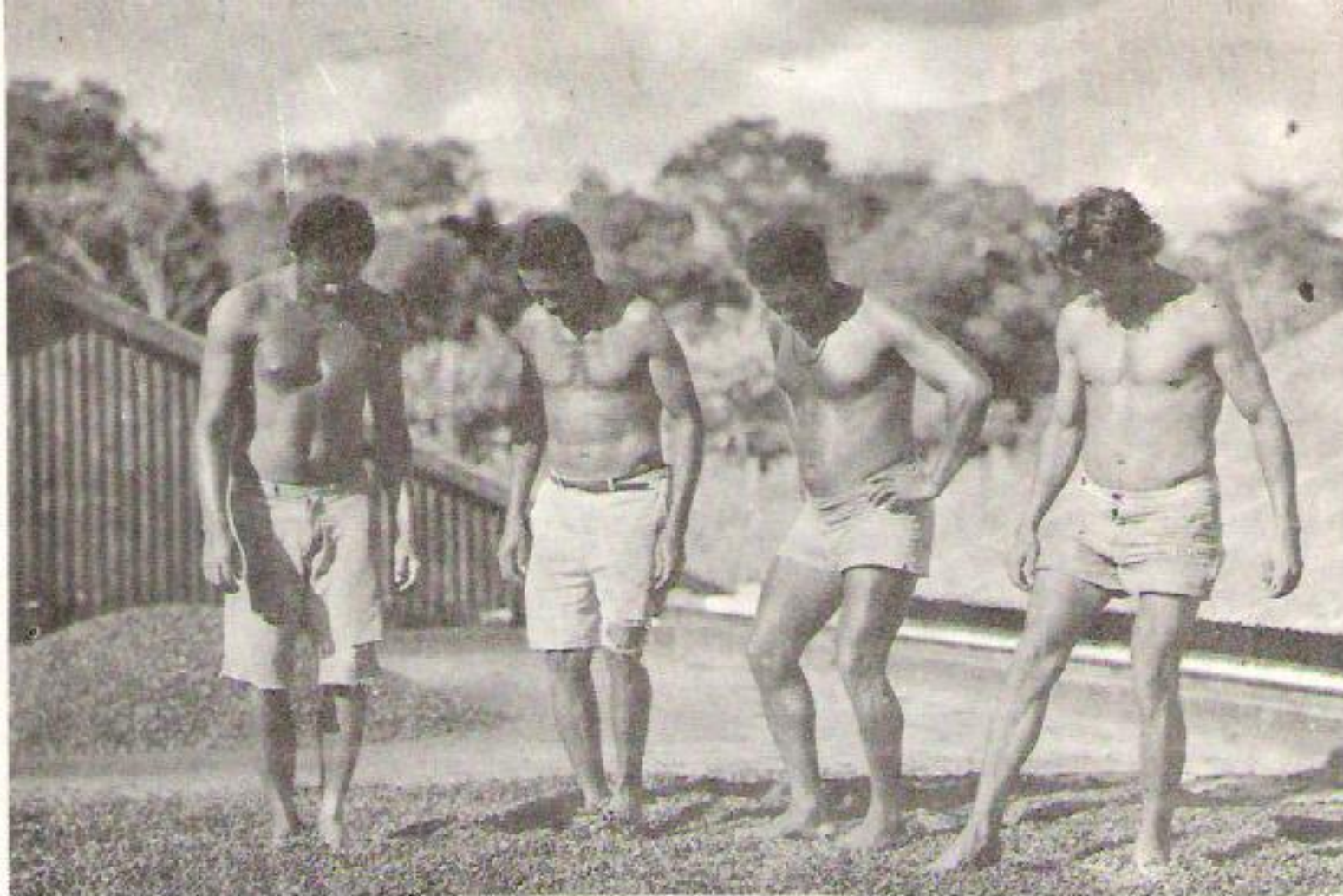
Há uma árvore
que dourou
meus olhos
e me ensinou
a luz

Há uma árvore
que me alimentou
na alegria infantil
do chocolate



BIBLIOGRAFIA

- 1 – HOLLANDA, BUARQUE AURÉLIO – NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO
- 2 – ENCICLOPÉDIA CONHECER – VOL. III – EDITORA ABRIL CULTURAL
- 3 – ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE – VOL. II – EDITORA DELTA
- 4 – REVISTA QUATRO RODAS
- 5 – AMADO, JORGE – "CACAU"
- 6 – AMADO, JORGE – "SÃO JORGE DOS ILHÉUS"
- 7 – AMADO, JORGE – "TERRA DO SEM FIM"
- 8 – VIEIRA, CASTRO HAROLDO JOSÉ – UMA EXPERIÊNCIA NOVA NA AGRICULTURA BRASILEIRA – ILHÉUS 1978 – CEPLAC
- 9 – CEPLAC – CACAU HISTÓRIA E EVOLUÇÃO NO BRASIL E NO MUNDO – ILHÉUS 1978
- 10 – VIANNA, HÉLIO – HISTÓRIA DO BRASIL
- 11 – CARNEIRO, EDSON – "CAMDOMBLÉS DA BAHIA"
- 12 – POLVORA, HÉLIO e PADILHA, TELMO – "CACAU EM PROSA E VERSO" – EDIÇÕES ANTARES 1978.
- 13 – FILHO, ADONIAS – "LÉGUAS DA PROMISSÃO"



Você sabia?..

- 1 – O cacau já foi utilizado como moeda entre os Astecas?
- 2 – O Imperador Montezuma apreciava muito o chocolate como bebida?
- 3 – O cacauzeiro já foi considerado uma árvore sagrada?
- 4 – O cultivo do cacau era então, acompanhado de cerimônias religiosas e por isso foi chamado de "MANJAR DOS DEUSES"?
- 5 – Um bom escravo entre os Astecas e os Maias podia ser trocado por 100 sementes de cacau?
- 6 – Os índios na América Espanhola já preparavam uma bebida muito semelhante ao atual chocolate?
- 7 – Na América Espanhola era hábito as damas mais ricas assistirem cerimônias religiosas acompanhadas de escravas que serviam chocolate em taças de ouro ricamente gravadas?
- 8 – Nesta época o chocolate era uma bebida proibida nos conventos devido as suas supostas propriedades afrodisíacas?
- 9 – O chocolate ao ser introduzido na Europa tornou-se uma bebida da aristocracia, disputando com o café a sua preferência?
- 10 – A Infanta Maria Tereza ao se casar com Luis XIV de França fez questão de levar uma empregada especializada no preparo do chocolate?
- 11 – Luis Frederico Warneaux, colono francês, foi quem levou em 1746 as sementes de cacau da Amazônia para a Bahia?
- 12 – Na Bahia o cacau adaptou-se muito bem porque o solo do sul da Bahia assemelha-se muito ao da Amazônia?
- 13 – O Brasil é o 2º produtor mundial de cacau?
- 14 – O chocolate é a alegria das crianças e de muitos "marmanjos" também?
- 15 – Nem só da cana-de-açúcar vem a "branquinha"? O cacau também produz a cachaça?
- 16 – A mulata tem o cheiro do cravo e a cor da canela, mas tem também a cor do chocolate?

(Dados Extraídos dos Livros: Uma experiência nova na agricultura brasileira – Vieira, Castro Haroldo José – 1978 e Cacau – História e evolução no Brasil e no mundo – CEPLAC – Ilhéus – Bahia – 1978)

ROTEIRO — "PRIMEIRA PARTE"

"O CACAU E A SUA ORIGEM"

VELHA GUARDA

"COMISSÃO DE FRENTE"

ABRE — ALAS
SÍMBOLO
DA ESCOLA

ALAS:

COMIGO NINGUÉM PODE
OPÇÃO
MIL E UMA NOITES
REIS

"ASTECAS"

1ª ALEGORIA
"CACAU"

DESTAQUE
WILSON

"IMPERADOR ASTECAS
MONTEZUMA"

FRANÇA

DESTAQUE
JANDIRA

"A NOBREZA"

ALAS:

ALIADOS
FIRMEZA
ESFORÇADOS
(MASC. E FEM.)

"NOBREZA"

DESTAQUE
MARGARIDA

"DAMA DA CORTE"

ALAS

MILIONARIOS
DE
PARIS E PRINCIPES

"NOBRES"

DESTAQUE
MARIA RAMOS

"RAINHA DE FRANÇA"

2º MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA — MOCINHA
LUIZ CARLOS NOGUEIRA

DESTAQUE
SILVIA — "AMAZÔNIA"

ALAS:
ARMA COMIGO
QUE VOCÊ SAI
É COM NÓS MESMOS — "INDIOS E INDIAS"

DESTAQUE
ILKA — "VITÓRIA – REGIA"

GRUPO SHOW 79
RESPONSÁVEL: IRINEU PIRES

GRUPO FURACÃO — "INDIAS"

DESTAQUE
CONTINUA — "A CHUVA"

ALA
HIPPIES — "APARIÇÕES NA AMAZONIA"

DESTAQUE
CARLOS
VITOR

"O SOL"

GRUPO DE PASSISTAS
RESPONSÁVEIS:
ARAQUEM A. NOGUEIRA E
VILMA TEIXEIRA.

ALAS:

MENESTRÉIS E
SERESTEIROS

"OS GUERREIROS"

DESTAQUE
NILZA MARIA
DE FREITAS

"AS ESTRELAS"

GRUPO DE PASSISTAS
RESPONSÁVEIS:
SERGIO J. DE OLIVEIRA E
DAYSE O. PAES.

GRUPOS:
CHÃO
DENGOSAS

"A FLORA"

GRUPO AS AMAZONAS
(MARLENE - MARIA
ALICE E TANIA)

"TRANSFORMAÇÃO DO VERDE EM OURO"

"O CHOCOLATE"

MARLY SOUZA

2ª ALEGORIA
A TRANSFORMAÇÃO

DESTAQUE
EDITH
LANUSSE

"OSSANHE"

ALAS:

TURISTAS
BARÕES

"FEITICEIROS"

DESTAQUE
GUIOMAR T.
FRANÇA

"A LUA"

GRUPO DE PASSISTAS
RESPONSÁVEIS:
RONALDO NOGUEIRA E
VERA LUCIA A. OLIVEIRA

ALA:

MOAMA

"MÁSCARAS DOS ORIXÁS"

GRUPO CHEIO DE
AMOR PRA DAR

"A FLORESTA"

DESTAQUE
TEREZINHA

"A FLORESTA EM TOM MAIOR"

ALAS:

IMPOSSIVEIS
EMBALO

"AS FOLHAGENS"

DESTAQUE
MÁRCIA
CRISTINA

"A AURORA"

DUPLA

"FLORES DA MANHÃ"

GRUPO DE PASSISTAS
RESPONSÁVEIS:
NELSON STORINO E
WALDICEA
MARIA DE JESUS

GRUPO
VERDE E ROSA
(MASC. E FEM.)

"AS PALHAS"

DESTAQUE
MARIA
HELENA

"AS ÁGUAS"

GRUPO DE PASSISTAS
RESPONSÁVEIS:
VILNER DAVID
E SUELY HOLANDA

"TERCEIRA PARTE"

BAHIA

ALAS:

MIMOSAS
DEPOIS EU DIGO

"MUCAMAS"

ALAS:

DEIXA COMIGO
MENINAS DA PRAIA

"AS SEMENTES"

GRUPO JOVEM

"AS FLORES"

DESTAQUE
MARILENE

"A FLOR"

GRUPO DE PASSISTAS
RESPONSÁVEIS: GERALDO O.
CIRINO E JUCÊMAR V. SILVA

"BAIANAS
DESTACADAS"

"A FLORIFICAÇÃO PREMATURA
DO CACAU NAS TERRAS DO
SEQUEIRO GRANDE - BA"

DESTAQUE
LAERTE

"AVANTAR"

GRUPO DE PASSISTAS
RESPONSÁVEIS:
EDINO S. PEREIRA E MARIA
ISABEL CONCEIÇÃO

3ª ALEGORIA
AS DIVISAS
O ENRIQUECIMENTO

DESTAQUE
HELVIA
IRENE DE OLIVEIRA
ILAN AMARAL

"FIGURAS VIVAS"

DESTAQUE
MARTA

"AS DIVISAS"

GRUPO DE PASSISTAS
RESPONSÁVEIS:
JORGE PARAISO E REGINA
CELIA BORDALHO

ALAS:
DUQUES
FUNCIONÁRIOS
BAIANAS GRANFINAS

"A COLHEITA"

DESTAQUE
LIDIA

"A FORTUNA"

GRUPO DE PASSISTAS
RESPONSÁVEIS:
ADEMIR J. SANTOS E MARIA
ANGELA B. RIBEIRO

ALAS:
NINGUÉM E
DE NINGÉM
PRINCEZINHAS

"O FRUTO OURO"

DESTAQUE
ZINHA

"O EXPLENDOR DO CACAU NA BAHIA"

ALAS:

EMBAXADORES
NOBRES

"OS ÁRABES EM ILHÉUS"

DESTAQUE
TONINHO
D'OXOSSI

"OXOSSI - REI DA MATA"

PASSISTAS:

BETH CARVALHO - ROXINHA - ALCIONE
GIGI - ROSEMARY - ANICK - MALVIL - GARGALHADA

ALA DA
JUSTIÇA

"VENDEDORES DE FRUTAS"

DESTAQUE
WANDA

"CACAU CRIOULO"

ALAS:

SÓ VAI QUEM PODE
BRASINHAS
BRAZÕES

"PESCADORES DA BAHIA"

ALAS:

MENINOS E
MENINAS
DA MANGEIRA

"CHOCOLATE - ALEGRIA DAS CRIANÇAS"

ALAS:

NÓS SOMOS ASSIM
GRANFINOS
DEIXA ISSO PRA LÁ

"OS COLONOS"

DESTAQUE
INDAIÁ

"A METAMORFOSE"

GRUPO DE PASSISTAS

RESPONSÁVEIS: NEIDE DOS
SANTOS E CLAUDIO

ALAS:

GATINHAS
CAÇULINHAS
CORTE
MODERNINHAS

"A BAHIA"

CARLINHOS
(PANDEIRO DE OURO)
E SUAS CABROCHAS

ALAS:

JAMBETES
CAPRICHOSAS

"SINHÁS"

ALAS:

VERDE QUE TE QUERO ROSA
CHOVE NÃO MOLHA
ULTIMA CHANCE

"ESCRAVOS E ESCRAVAS"

ALAS:

INTOCÁVEIS E
INVENCÍVEIS

RICOS SENHORES E SENHORAS
DAS FAZENDAS DE CACAU"

ALA DE PASSISTAS
SAMBRASA

BAIANAS TRADICIONAIS

FILHAS DE MAMÃE OXUM AGRADECENDO
AS DÁDIVAS DO CACAU

AFOXÉ - FILHOS DE
GANDI - CAPOEIRA
MESTRE LEOPOLDINO

"REPRESENTAÇÃO FOLCLÓRICA"

A VELHA GUARDA
DE
MANGUEIRA

"ENCERANDO O DESFILE"

SEGUE

Fala, Mangueira! Mostra a força da tra-
dição do verde-e-rosa! Conta com o apoio
verde-e-amarelo da LOBRÁS! E tudo azul
no carnaval.

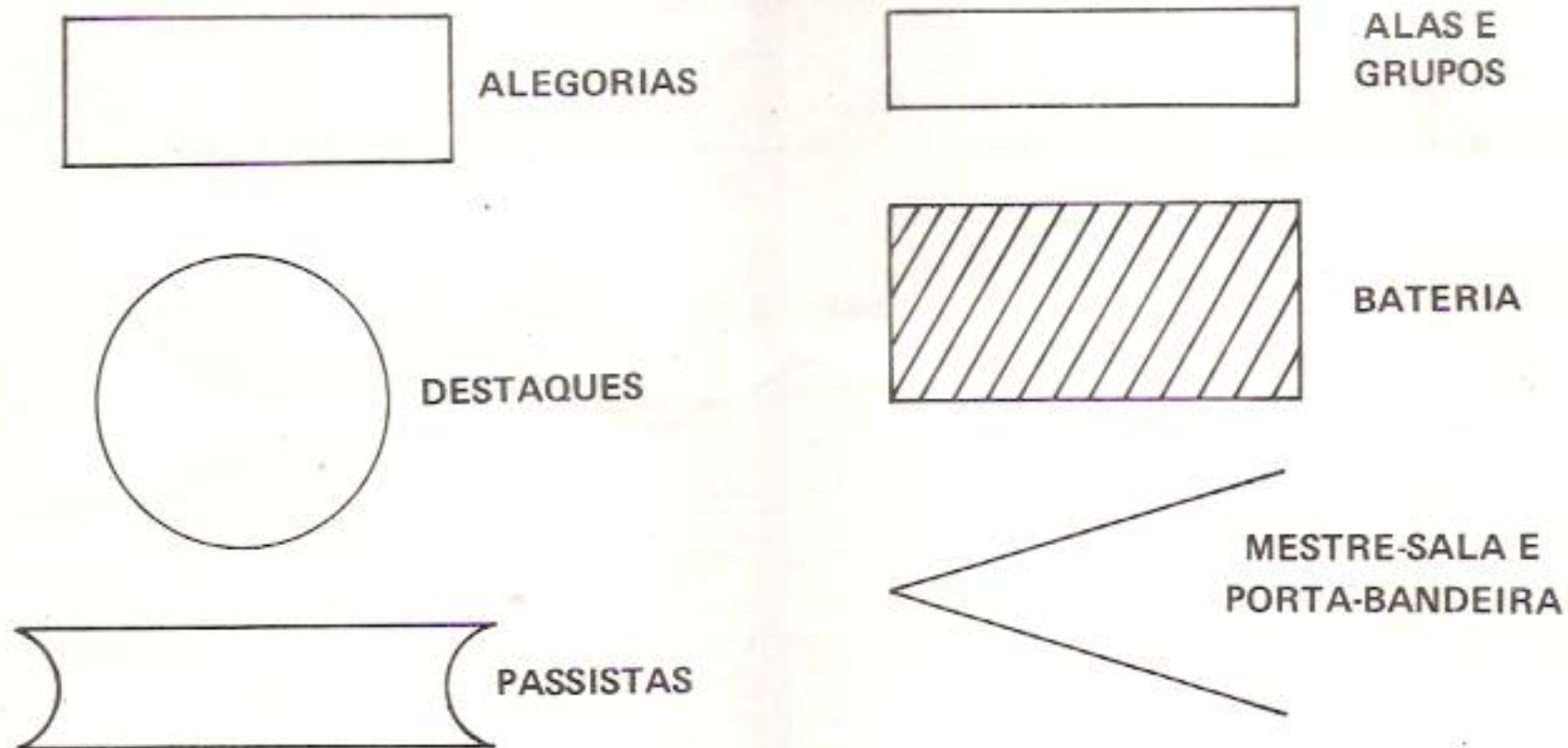
LOBRÁS

LOJAS BRASILEIRAS S.A.

"FLUXOGRAMA DO DESFILE"



CONVENÇÕES:



OBS: 1 - CONCENTRAÇÃO: 18:00 HORAS DO DIA 25-02-79

2 - DURAÇÃO DO DESFILE: NO MÁXIMO DE 70 MINUTOS.

3 - NATUREZA DE DESFILE: COMPACTO.

4 - DISTÂNCIA: 1,20 M NO MÁXIMO ENTRE ALAS, DESTAQUES E PASSISTAS. (RIGOROSAMENTE)

JÚLIO MATTOS

Julio artesão. Magnífico! Conhecido "pé quente" pelos enredos de sua autoria que proporcionaram tantas glórias à Mangueira.

— "Exaltação a Villa-Lobos" — Vice-campeã em 1966

— "O Mundo Encantado de Monteiro Lobato" — Campeã em 1967.

— "Mercadores e suas tradições" — Vice-Campeã em 1969.

— "Lendas do Abaeté" — Campeã em 1973; são exemplos de alguns enredos de Julinho, como carinhosamente é conhecido em Mangueira e no mundo do samba.

Neste Carnaval, a Mangueira apresenta mais um enredo de Julinho: "Avatar: e a selva transformou-se em ouro".

E Julinho é quem conta como surgiu a idéia de desenvolver um enredo inspirado no cacau.

— "Certa vez, passeando em Ilhéus e Itabuna, tive a oportunidade de conhecer as plantações de cacau e fiquei maravilhado pela beleza das roças., pelo povo da terra, pelo cheiro doce, por histórias, lendas e o candomblé da Bahia.

— Eu olhava aquilo tudo e ficava imaginando o que podia acontecer até o cacau virar chocolate! . .

Interessei-me pelo assunto. Conversei com o pessoal da terra. Fui para os livros. Tudo aquilo na minha cabeça. Botei no papel e não deu "zebra". Ganhei a concorrência dos enredos na Mangueira. E agora é trabalhar!"

Julinho, o artista da Mangueira, continua contando fatos com aquele seu jeito gingado, o boné inconfundível cobrindo seus cabelos um pouco compridos e já meio grisalhos.

Julinho artista. Auto-didata. Amigo. Homem simples e grandioso.

Julinho, um homem que todos os dias sobe o morro de Mangueira. É lá que ele mora! . . .

Julinho Internacional!





Journal, Cartola e Nelson Cavalcanti, famosa comissão de frente da Mangueira

OS VELHINHOS DA MANGUEIRA

Foi no carnaval de 1977 que experimentamos a maior emoção de nossas vidas de sambistas. Naquele ano a Mangueira apresentou uma novidade: trouxe para o desfile os chamados "velhinhos" da Mangueira, todos postados à frente das alas. Foi um espetáculo da maior emoção.

Aqueles "coroas" trajados no melhor estilo de uma época, emocionaram todos e tudo.

A diretoria misturou num só grupo figuras lendárias e tradicionais do morro. Vibramos nós. Vibrou o público da Presidente Vargas. Não era "pra" menos. Ali estava "Cartola". Sizudo, porém tranqüilo. Certo que além de compor lindos sambas dava também naquele ano uma contribuição maior a sua paixão imorredoura: a velha Manga. E o fez com maestria. O Mestre Divino desfilou empolgado. Por certo, quando pisou à passarela, pensava nos antigos desfiles realizados na Praça Onze. Ali mesmo, pertinho.

Naturalmente, Cartola tinha lembrança da velha balança onde os sambistas iam se "pesar". Pudemos acompanhá-lo desde o início. Era um Cartola remoçado. Cantando com força o "Segredo do Panapanã". Não importa que a escola tenha tido uma colocação ruim. Para Cartola, o mais importante foi desfilar. Era como nos velhos tempos. No final, cansado e suado, confessava Cartola:

— Estou compensado. Acho que o meu samba, onde digo tudo o que fiz pela Mangueira deve ser lembrado por todos. Vou mais além. Tamanha emoção só senti no desfile do "Vale de São Francisco".

E já tirando o lindo casaco rosa, que mais tarde ofereceu ao Maestro Júlio Medaglia, Cartola, feliz, voltava para o morro.

Vibramos com Carlos Cachaça. Outra figura lendária da Mangueira e já beirando os 70 anos. Ele parecia um fogoso rapaz, lembrando a famosa dupla com Cartola. Juntos, Cachaça e Cartola materializavam um sonho do público.

Os aplausos foram constantes. E para os mais antigos vinha logo à mente o clássico partido alto da dupla: "Não quero mais amar à ninguém." "Morreu como uma flor, ainda em botão, deixando espinhos que dilaceraram meu coração".

Quanta emoção. Só que naquele momento o coração de Carlos Cachaça não estava dilacerado. Muito pelo contrário. Ele batia e batia forte em seu peito de mangueirense puro e autêntico.

Ao lado de cachaça e Cartola outro "monstro". O Nélon Cavaquinho. O antigo "meganha" era o mesmo daqueles tempos em que esquecia sua montaria para assistir os ensaios da "gloriosa".

O seu sorriso não saía do caminho. Era como se Nélon Cavaquinho fosse o próprio sorriso em verde e rosa da Mangueira desfilando para multidão.

Tivemos apenas uma preocupação ao longo do desfile. É que o Velho Nanau do Estácio, recém-saído de um hospital, estava desfilando. Alegre e bem postado, Juvenal Lopes lembrava as antigas batucadas no Estácio com Ismael Silva e Brancura, o antigo Mestre-Sala do Deixa Falar chegou mesmo a ensaiar alguns passos no início do desfile. Mas resolveu se portar como um autêntico diplomata. Muito sentimental, Juvenal Lopes teve um momento que não aguentou mais e chorou. Chorou pra valer, mas não interrompeu sua caminhada. Mais tarde dizia que aquela sensação-emoção era tão forte quanto a que sentiu em 1967, quando a Mangueira desfilou com "Monteiro Lobato" e ganhou.

Outros baluartes estavam presentes naquela sensacional Velha Guarda. O bom Babaú. Compositor de "Aí meu Deus", fundador da escola e amigo de Noel Rosa, e preferido de Araci de Almeida. Lá estava também o ex-presidente Djalma dos Santos, que sempre foi homem de bastidores, mas aceitou entrar naquela parada. E saiu-se muito bem. Ed Miranda Rosa era outro empolgado. Era o mesmo Ed da famosa ala dos Periquitos que tanto sucesso fez na década de 30.

Mas o espetáculo volta a se repetir neste carnaval. Agora acrescido da mais famosa mulher mangueirense: Neuma Gonçalves. Ela está de volta à passarela, desfilando ao lado de quatorze homens.

Deve acima de tudo ficar para os mais jovens o exemplo da Velha Guarda da Mangueira. São figuras, como disse Cartola, que muito deram à escola. Agora não podem mais oferecer o que já não possuem. Assim mesmo desfilam. Atraem atenções e fazem da Mangueira um constante reservatório de simpatia. É hora e vez da Velha Guarda. Convidamos vocês. Venham ver o maior espetáculo do samba carioca: A Velha Guarda da Mangueira.

Se não gostarem não digam nada. Mas se gostarem, participem da felicidade mangueirense.



CHARUTARIA ESTRELA LTDA.

Rua República do Líbano n.º 61 Loja "I" — Tel.: 224-9779

APRESENTA PARA ESTE CARNAVAL SUA NOVA
LINHA DE CHARUTOS PARA UMBANDA. LI-

NHAS DE: OXOSSI — OGUM — XANGÔ — CABOCLA JU-
REMA — EXÚ — TRANCA RUA. CHARUTOS PIMENTEL nº2,
CLAROS OU ESCUROS, OS MAIS VENDIDOS NO BRASIL.



NEIDE E DELEGADO

A DUPLA SEMPRE ESPERADA NA PASSARELA DO SAMBA

Mais uma vez juntos: Delegado e Neide, os grandes bailarinos da Estação Primeira de Mangueira que ao passarem dançando proporcionam a aqueles que os assistem um espetáculo inesquecível de técnica e beleza.

Figuras tradicionais da Mangueira, do mundo do samba e internacionalmente conhecidos são sempre aguardados em clima de grande expectativa por todos que vão assistir ao espetáculo máximo do carnaval carioca que é o desfile das Escolas de Samba. A performance inimitável de Delegado e Neide constituiu sempre um dos trunfos máximos da Mangueira.

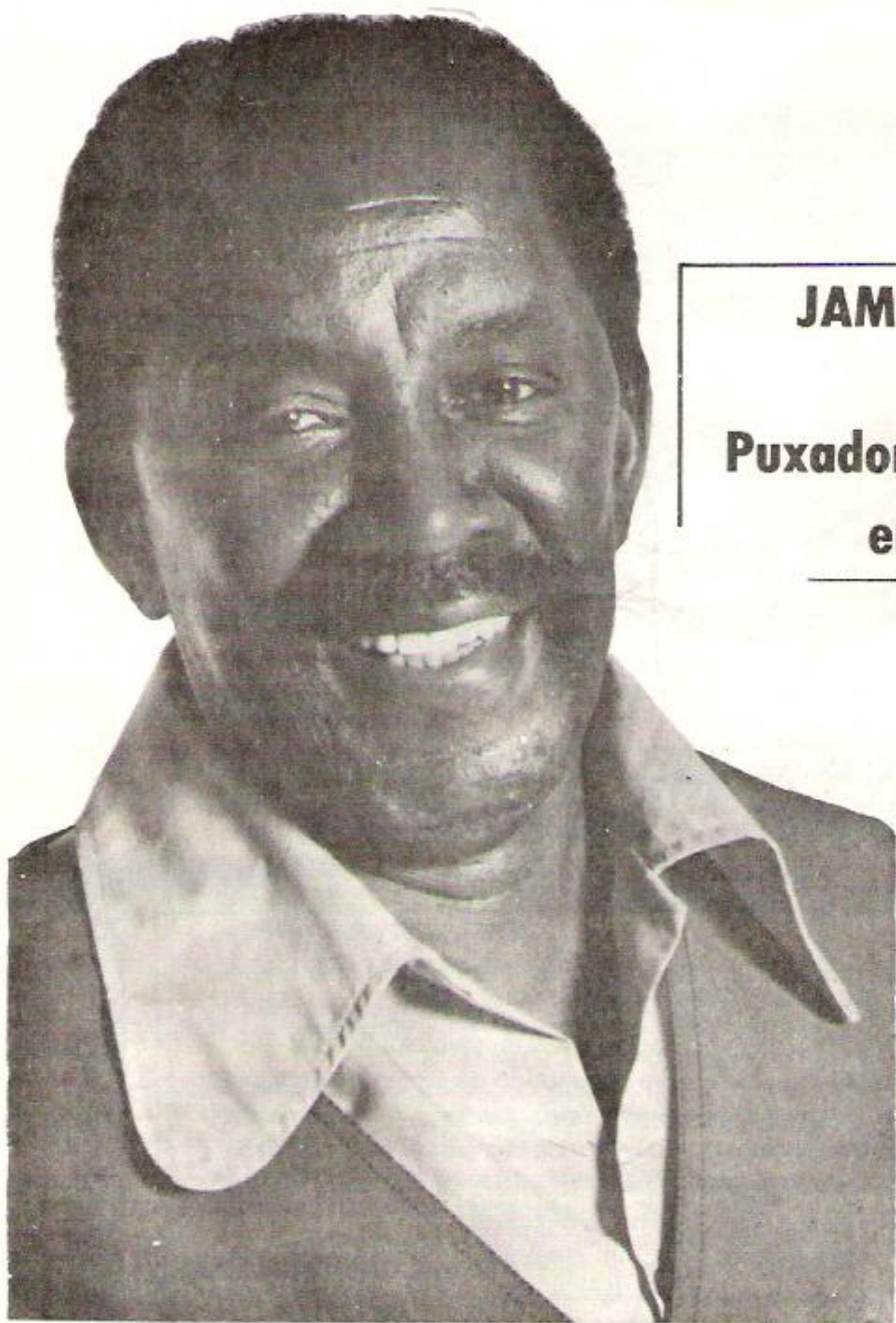
Delegado — Símbolo máximo de elegância e perfeição de um mestre-sala que em nenhum momento do desfile afasta-se das características que deve apresentar: cortejar a sua grande dama, envolvê-la de alegria e atenções, conduzi-la nobremente, dançando sob o pavilhão verde e rosa.

Delegado — Mestre-Sala — Delegado, um verdadeiro "Príncipe do Asfalto".

Neide — Porta-Bandeira maior, tradução de elegância e brejeirice. Perfeita! Quantos Estandartes de Ouro!

E lá vem Mangueira representada por seu símbolo primeiro, o pavilhão verde e rosa que durante todo o desfile mantém-se erguido e altaneiro (como a própria Estação Primeira!) sob o comando de Neide e tendo Delegado como seu guardião-mór.

Delegado e Neide (quantas notas 10!) dançando com a beleza, a leveza e a perfeição que constituem sua "marca registrada" deixarão mais uma vez no povo a vontade de voltar no próximo carnaval.



JAMELÃO "O BOM"

Eterno

**Puxador de Samba Enredo
em Mangueira**

Para a beleza das alegorias da Estação
Primeira de Mangueira, nossos produtos muito contribuíram.

GENTE BAMBÁ SABE ESCOLHER

DIVISÓRIAS • LAMBRIS • MADEIRAS

divillam S/A

Rua General Caldwell, 183 - Tel.: PABX 263-1662



O SAMBA NA ALTA SOCIEDADE
ZINHA DESTAQUE DA MANGUEIRA
NO DESFILE DE FANTASIAS DO
TEATRO MUNICIPAL. 1968

I) AGRADECIMENTOS

JORGE AMADO
ZÉLIA AMADO
CEPLAC (COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DA LAVOURA
CACAUUEIRA) ITABUNA – BAHIA.
JAIR SOARES DA SILVA – CEPLAC – BAHIA
DR. LUIS FRANCISCO LEITÃO
MARIA HELENA ABRAHÃO VIEIRA
JESUS FUENTES
PERES
PEDRO BOSCO

II) DIRETORIA DO G.R.E.S.E.P. DE MANGUEIRA BIÊNIO – 1978 – 1980

Presidente	Ed Miranda Rosa
Vice-Presidente	Luiz Leite de Medeiros
1º Comunicação	Wanderley Doña
2º Comunicação	Ignacio Antonio dos Santos
1º Finanças	Pedro Paulo Lopes
2º Finanças	Cícero dos Santos
1º Social	Djalma Arruda
2º Social	Sebastião Pereira
1º Patrimônio	Jair Campos
2º Patrimônio	Normando Chagas
1º Jurídico	Alcione Barreto
2º Jurídico	Arthur Bitencourt Rosa
1º Cultural	Julio Matos
2º Cultural	Nelson Storino
Procuradoria	Waldir de Almeida
1º Esportes	Fernando de Faria (Major)
2º Esportes	Ronaldo Silva Oliveira
1º Feminino	Ilazir Miranda (Zinha)
2º Feminino	Maria Helena
1º Harmonia	Egio L. da Silva
2º Harmonia	Osmar Casemiro de Souza
1º Divulgação	Darci Monteiro
2º Divulgação	Nei João de Oliveira

CONSELHO FISCAL

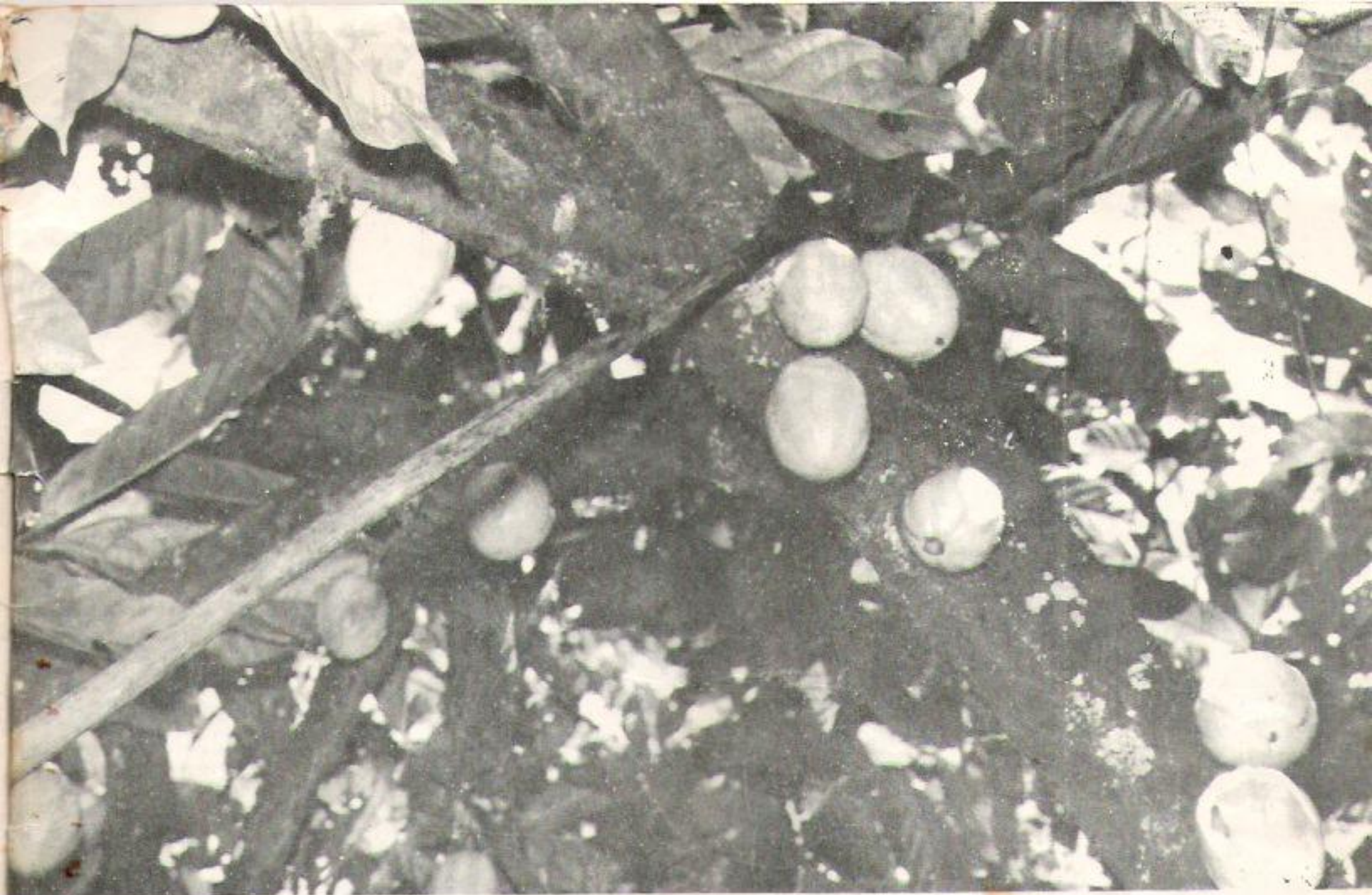
Relator	Jorge Barbosa
1º Membro	Elisio Doria Filho
2º Membro	Nelson Gonzales Ferreira

SUPLENTES

1º Membro	Oswaldo O. dos Santos (Onofre)
2º Membro	Antonio Candido
3º Membro	Luiz Gonzaga Ferreira

III) COMISSÃO DE CARNAVAL

JULIO MATTOS – PEDRO PAULO LOPES – ALCIONE BARRETO
NELSON STORINO – CIRO RAMOS – DARQUE DIAS MOREIRA
PERCIVAL PIRES.



A SELVA DOMADA

... O Catongo já aparece diferente. Conquistada e dividida foi a selva. Não ainda as casas de barro e telha, os cacaeiros apenas romperam a terra, plantas pequenas e fracas. Há sementes germinando no chão. Abertos os caminhos, comunicam-se os habitantes, uns aos outros se ajudam. Visto de longe, no conjunto, lembra um quadro de folhinha. É sobretudo belo esse Catongo assim no verão e e no calor. Já os pastos verdes se conformam, bois e mulas na solta, fumaça nas chaminés, mandioca e milho plantados. O ribeirão e os regatos conhecem o sol, também as estrelas, nas ribanceiras os juncos que ocultam a dormida das aves de água. Mudou muito em natureza com novo ar a escorar a esperança dos homens. A chuva escorre nas bananeiras quando desce. É lama na terra que cria as flores selvagens.

Todos, como os Caetus, estão em seus pedaços de terra. Aguardam que o cacaeiro cresça, árvore se faça, venham os frutos. Crianças já nasceram e não tardarão em brincar nos terreiros esses filhos do Catongo. Nem tudo, porém, é a luta. As entradas nas matas para a derruba, os braços e os machados, os aceiros largos cortando o fogo de grandes línguas. A perseguição às onças com sentinelas para que não estourem dentro das casas. As baixas, se contadas, não serão poucas. Homens e mulheres mortos ou aleijados, as cobras e seu veneno, árvores esmagando na queda. Nem tudo, porém, é a luta. Reúnem-se as famílias para as festas, bebem o licor de cacau, dançam e cantam. Amigos, todos são amigos unidos pelos caminhos no arco das léguas. Em uma das pontas, os Caetus. Na outra ponta, os Lírios.

Adonias Filho



"CARNE TENRA DE MULHER"

... "Eram as terras do Sequeiro Grande, as melhores terras do mundo para o plantio do cacau. O coronel pisava na terra negra, as mãos tateando as árvores, era como se acariciasse carne tenra de mulher. Trazia na volta desses passeios, cada vez mais raros, um coco de cacau de vez e ficava com ele na mão um tempo perdido, sentado no banco duro da varanda, a perna em cima da tábua, o queixo apoiado no joelho. Olhava para a frente, era uma névoa. Mas ele sabia que aquela névoa estava apenas nos seus olhos, que ali ficavam as roças plantadas de cacauzeiros, roças que ele plantara. E isso lhe bastava na igualdade da sua vida, do seu fim de vida. Quase que mais nada o ligava ao mundo distante, ao porto de Ilhéus, de onde saíam os navios carregados de cacau, à cidade de Itabuna, que ele ajudara a construir, à Ferradas, que era um feudo seu. Seu mundo tinha os limites de sua fazenda, mas ah! neste mundo só ele mandava, só ele era obedecido, só sua voz tinha autoridade. E era um mundo belo. . . Para o Coronel Horácio da Silveira era o mais belo dos mundos: o das roças de cacau. Na sua irreligiosidade supersticiosa de presentes à igreja mais por política do que por religião, de crença em absurdas histórias dos trabalhadores, ele nunca pensava nem no céu nem no inferno. Mas se alguém lhe perguntasse, de surpresa, como devia ser o céu, ele responderia certamente que só podia ser uma roça de cacau eternamente carregada de frutos amarelos, doirando as sombras onde o sol não penetra. . ."

Jorge Amado
"São Jorge dos Ilhéus"
